



DEFICIENCIA VISUAL E A EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE TUTOR E TUTORADO

ESTER GRUPPELLI KURZ¹; RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – estergkurz@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão da deficiência visual dentro do ambiente acadêmico da Universidade Federal de Pelotas e, mais especificamente, a relação estabelecida entre tutora e tutorada, suas dificuldades, contradições, peculiaridades, dentre outras. A inclusão e a acessibilidade serão os temas a serem abordados no decorrer do trabalho. A UFPel, assim como a maioria das universidades, possui um Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI, o qual tem como objetivo principal trabalhar em prol das questões que envolvem as pessoas com necessidades educacionais especiais que estão cursando ou estejam ingressando na universidade.

Dentre as funções do NAI será enfatizada a oferta de tutorias para os acadêmicos com deficiência, ou com Transtorno do Espectro do Autismo, ou com Altas Habilidades, os quais apresentem dificuldades na aprendizagem. A proposta do Núcleo centrava-se na possibilidade de tutores e tutorados estudarem juntos, preferencialmente, em áreas de conhecimento afins, ambos dispendo de tempo livre nos mesmos horários da semana, para que fosse possível realizar encontros frequentemente. Através das tutorias intenciona-se a colaboração para promover a inclusão e facilitar a acessibilidade do acadêmico tutorado dentro do meio universitário, proporcionando aprendizados e experiências para tutor e tutorado.

Este trabalho insere-se na área da educação, e objetiva trazer para debate e reflexão em nossa universidade a importância das tutorias do NAI como colaboração na promoção da inclusão do acadêmico com deficiência com aprendizagem e autonomia. Nesta escrita também a narrativa acerca da experiência de tutoria acadêmica com deficiência visual.

2. METODOLOGIA

No decorrer da história da humanidade as pessoas com algum grau de deficiência, incluindo a visual, passaram por diferentes situações. Era comum, por exemplo, as pessoas com cegueira serem relegadas a situação de abandono. Nas sociedades primitivas a cegueira era considerada um castigo divino ou então um símbolo de maldade. A cegueira também já foi um modo de punição ou vingança e durante um tempo chegou a ser regulada pela lei.

Com o advento do Cristianismo a cegueira perdeu seu significado negativo e passou a ser considerado símbolo de salvação, tanto para a pessoa com esta deficiência quanto para quem se apiedava dessa pessoa. Apesar de ser um



processo lento, as pessoas com deficiência visual e outros tipos de deficiência, estão sendo cada vez mais incluídos na sociedade, estão sendo notados.

Atualmente muitas são as pessoas que não convivem com a realidade de uma deficiência visual grave e, por isso, acabam criando situações constrangedoras ou desfavoráveis, que em alguns casos chegam a ser prejudiciais em certo nível, aos cegos. É isso que os tutores devem ter em mente: que a tutoria é buscar novas percepções de mundo, além de ser uma oportunidade de auxiliar alguém. No início de todo processo existem muitas dúvidas já que são pessoas ainda desconhecidas, tutores e tutorados, e, para os tutores inexperientes, há a incerteza de como agir em face de algumas situações novas.

A tutoria tem se feito uma chance de nos aproximarmos e de podermos acompanhar academicamente um colega de universidade com uma vivência diferente da nossa, e assim alcançarmos novos conhecimentos e saberes. Para além do que se supõe, não é apenas o tutorado que é beneficiado, muito pelo contrário, por meio dos encontros para realização da tutoria, há uma troca de conhecimentos, de experiências, e ambos aprendem e são enriquecidos nessas circunstâncias.

As realidades na universidade e na vida as vezes se fazem tão grandes, que toda a percepção que antes tínhamos passa a se modificar no decorrer da experiência de tutoria. Tutorando uma acadêmica com deficiência visual pode-se perceber ainda mais as calçadas esburacadas, e o quanto as escadas não são empecilhos apenas aos cadeirantes. A insuficiência de áudio-livros do material acadêmico é perceptível, e quando este tipo de material existe o acesso não é tão simples ou não há conhecimento de sua existência. As provas e as aulas muitas vezes não são adaptadas para que os deficientes visuais possam manifestar e desenvolver todo seu conhecimento; é comum, por exemplo, vermos explicações através de imagens sem qualquer tipo de áudio descrição. Outra questão também é a escolha por filmes estrangeiros legendados sobre o tema da aula, que não se fazem acessíveis para todos os alunos, como para os com deficiência visual. Enfim, conforme a tutoria vai ocorrendo passa-se a notar essas barreiras antes despercebidas.

Para realizar a tutoria foi nos solicitado a disponibilidade de vinte horas semanais, para serem dedicadas exclusivamente ao tutorado, no caso de um acadêmico com deficiência visual, em encontros para discussões e estudos, ou para gravação de áudios, ou para procurar por materiais acessíveis, ou ainda para mantê-lo informado sobre o que está acontecendo na comunidade acadêmica, enfim, buscando ajudar o acadêmico no que for necessário para melhorar seu desenvolvimento na universidade.

No NAI, nós tutores recebemos cursos e formações com o objetivo de melhorar nossos auxílios e apoios, para que a tutoria seja cada vez mais proveitosa ao acadêmico com alguma necessidade educacional especial, incluindo os deficientes visuais. Nessas reuniões são debatidas quais as melhores formas de agir, e são esclarecidas quaisquer dúvidas que os tutores possam vir a ter. O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, além de amparar o acadêmico com deficiência que



necessitar, também é responsável por viabilizar e promover a inclusão dentro da universidade, no sentido mais amplo, por meio de reuniões com os docentes e coordenadores de curso, por meio da garantia de atendimento educacional especializado individual ao acadêmico com deficiência, por meio da oferta de tutorias, dentre outras atividades e ações.

3. DISCUSSÕES

Não é preciso muito tempo para notar que, em alguns casos, os professores e os técnico-administrativos não fazem questão de realizar a inclusão deste acadêmico no contexto universitário, por vezes desmotivando o aluno a seguir em frente. E é por isso que o trabalho de tutoria é tão relevante, pois é através desta oportunidade que o tutor entra em cena, podendo promover o diálogo entre professor e aluno com deficiência tutorado, buscando a maior acessibilidade das aulas, ajudando na procura por áudio-livros e outros mecanismos adaptados para deficientes visuais, contribuindo para o estudo de alguns pontos onde o tutorado possui maior dificuldade, e se empenhando em ser alguém que de certa forma colabore com a interação entre o acadêmico deficiente visual e os demais colegas, facilitando situações do dia a dia na universidade para criar um ambiente mais acolhedor ao tutorado.

Existem muitas dificuldades para que se alcance a inclusão, por outro lado, também podemos perceber algumas iniciativas acontecendo, as quais são de muita importância para que um dia nossa universidade e nossa sociedade possam ser de fato inclusivas. Posso citar o caso de quando uma acadêmica com deficiência visual ainda não possuía um tutor e os seus colegas a ajudavam enviando áudios das anotações feitas de aula e de resumos.

Conjuntamente com as tutorias realizadas são discutidos meios de aperfeiçoar as ações dentro do meio acadêmico, debatendo sobre o que é inclusão, qual inclusão queremos, para que a inclusão não seja confundida com outros formatos que não resultem na verdadeira inclusão. Durante a tutoria de um acadêmico deficiente visual, aprende-se que eles precisam de atenção e de auxílio em certo sentido, e em algumas questões, para poderem contar com a acessibilidade da qual necessitam para continuarem a se virar por conta própria, e poderem realizar os mesmos tipos de atividades que as pessoas videntes realizam. Não é por que possuem baixa ou nenhuma visão que têm que deixar de acompanhar esportes, revistas, livros, etc. Claro, que tudo deve ser adaptado para tal, e existem limites, entretanto são situações que podem ser superadas, melhoradas, equipadas, contornadas.

4. CONCLUSÕES

Como tutora posso dizer que cada avanço, cada conquista do acadêmico tutorado, vai trazendo uma sensação de dever cumprido, e de muito contentamento por seu progresso. Poder colaborar de forma mais efetiva com a inclusão na



universidade é acreditar e fazer algo para que todos e todas tenham um ensino e uma aprendizagem de qualidade, com participação e com protagonismo. É nessa inclusão que acreditamos e que queremos ver de fato acontecer em nossa universidade.

As pessoas com deficiência visual enfrentam cotidianamente muitos obstáculos e restrições, necessitando de readaptações nas estruturas arquitetônicas, nas práticas pedagógicas, nas áreas da comunicação e da informação, e, principalmente nas formas com que a maioria das pessoas vem se relacionando e agindo para com elas. Maior proximidade e convívio, auxílios e trocas diárias, participação e reciprocidade se constituem de muita importância, e as tutorias têm proporcionado espaços e tempos para isso, para conviver mais e aprender sempre.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. S. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. **Benjamin Constant**. Rio de Janeiro. v.1 n.30, abr. 2005

OLIVEIRA, L. C. P. **Trajetórias escolares de pessoas com deficiência visual: da educação básica ao ensino superior**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Stricto Sensu, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.